

Entrevista: “Gambiarras”

II Trienal Poligráfica de San Juan – 2009

* Entrevista concedida por email a Carla Zaccagnini em janeiro de 2009, para o catálogo da II Trienal Poligráfica de San Juan, da qual Cao Guimarães participa com a publicação de um livro com a série fotográfica “Gambiarras”.

1. *Uma pergunta bem simples: há quanto tempo você fotografa essas gambiarras?*

Desde 2002.

2. *Como começou, você primeiro teve a idéia e depois saiu atrás das gambiarras? Ou você encontrou uma invenção tão brilhante que te fez ter vontade de fazer esse registro e iniciar a coleção? Se for esse o caso, qual foi a primeira imagem?*

Não foi simplesmente uma idéia, mas um processo, ou uma confluência de fatores que me levaram à idéia de uma coleção. Antes de pensar nas gambiarras propriamente ditas já existia em mim uma espécie de fascínio e interesse pela idéia do precário. Posso perceber isso por exemplo ainda no primeiro contato que tive com a obra de Arthur Bispo do Rosário na década de noventa, como também em uma interlocução constante sobre o tema com a artista Rivane Neuenschwander.

Outro fator importante foi uma longa viagem que fiz na virada do milênio pelo Brasil logo depois de um período morando no exterior. Viajei 10 estados brasileiros filmando meu primeiro longa-metragem *O fim do sem fim (2001)* sobre profissões em extinção. Esta experiência me permitiu um reencontro com o país e sua cultura sob o impacto de um olhar um pouco mais distanciado. Me lembro bem do fascínio e da impressão causada pela

capacidade do brasileiro de se reinventar para sobreviver, de uma graciosa criatividade para solucionar problemas básicos que para além de alcançarem a própria solução do problema geravam uma espécie de estranhamento estético. Este estranhamento estético presente nestas ‘engenhocas’, fruto da necessidade e da falta, me indicava uma espécie de força transformadora capaz de modificar minha percepção sensível do mundo.

3. Imagino que tenha algumas gambiarras que você viu e não chegou a fotografar (ou você anda sempre com a câmera a tira-colo?) Tem alguma ou algumas gambiarras que não foram registradas e que são dignas de nota? Acho que seria bem bacana ter uma descrição de outros elementos da coleção que você tenha visto mas não existam como imagens, uma descrição que funcione como outro tipo de registro.

O momento em que comecei a sentir a potencialidade de um projeto de uma coleção de registros de gambiarras coincidiu com um período em que comecei a viajar bastante por lugares e culturas bem diferentes. Além disso a proliferação de câmeras digitais portáteis e leves e de qualidade razoável, somado ao fato de sentir em mim uma quase obsessão em perceber o mundo através das gambiarras, me levaram a quase sempre estar com uma câmera a tira-colo. E não era apenas o acaso de encontrá-las. Eu me impus um método de trabalho: me dedicava a longas caminhadas de pelo menos um dia inteiro nas cidades em que visitava, sem mapas, guias e nenhuma pesquisa anterior. Isso me fez mudar totalmente minha concepção de turismo e formular uma máxima para uso pessoal que pratico ainda hoje: É se perdendo que a gente encontra.

Nota-se como a idéia de mapa e de guia está próxima da idéia de bula e de manual de instruções e no extremo oposto da própria idéia de gambiarra. A gambiarra é justamente a falta de bula e de manuais de instrução, de mapas e de guias. A gambiarra é o não oficioso, o que não foi carimbado pela história e pelo selo de qualidade registrada.

O meu conceito de gambiarra é algo em constante ampliação e mutação. Ele deixa de ser apenas um objeto ou engenhoca perceptível na realidade e se amplia em outras formas e manifestações como gestos, ações, costumes, pensamentos, culminando na própria idéia de existência. A existência enquanto uma grande gambiarra, onde não cabe a bula, o manual de instrução, o mapa ou o guia. A gambiarra enquanto *'phania'* ou expressão, uma manifestação do estar no mundo. A gambiarra é quase sempre um 'original' e não uma cópia, uma reprodução. E por isso é uma entidade viva, em constante mutação. Registrá-la é torná-la reproduzível, multiplicá-la modificando sua função fundamental.

Este conceito da gambiarra, do precário, do não oficioso, da falta de bulas e manuais está presente em quase todo o meu trabalho, seja em filmes, textos, fotografias ou vídeos. Tanto na escolha do assunto quanto no método de trabalho. Tanto na forma de mero registro ou documentação quanto na ficcionalização da idéia de gambiarra (por exemplo no vídeo *Mestres da gambiarra (2008)*, na parte intitulada '3 maneiras de secar um tênis em dia de chuva'). Está presente também nos trabalhos e idéias dos parceiros que tive para realizar algumas destas obras, nos trabalhos sonoros do grupo O Grivo, no trabalho da artista Rivane Neuenschwander, na vida de vários dos personagens dos meus filmes.

4. Em muitos dos teus trabalhos há sempre um olhar que recorta do cotidiano detalhes, digamos, mundanos, que ganham outra importância ou ao menos outra leitura ao serem removidos do contexto e apresentadas como uma série de situações que você aproxima por algumas características que assim ganham destaque. Eu queria que você falasse um pouco sobre isso, sobre esse olhar.

Cada ser humano olha o mundo de uma forma particular. Da mesma forma que todo o nosso corpo, nossos olhos não podem se acomodar. A acomodação é a morte. Da mesma forma que o derradeiro músculo de nosso

dedão do pé precisa ser constantemente massageado e instigado para que sobreviva, nossos olhos precisam ser massageados por novas formas de olhar o mundo. Na contramão desta premissa básica a sociedade de consumo contemporânea e sua filosofia massificadora insiste em acomodar e amortecer (veja bem a raiz desta palavra) a capacidade do ser humano de 'ver'. Não 'ver' no sentido passivo (acomodando o olhar) mas 'ver' no sentido ativo (incomodando o olhar). Dos filmes *blockbusters* aos programas de tv, das vitrines nas lojas de um *shopping center* aos letreiros e *outdoors* na cidade (a quantidade de itálicos nestas frases já revela a fonte de tudo isso), tudo segue uma espécie de padronização, quase uma higienização da representação do mundo pela imagem. Não apenas o seu conteúdo e forma mas principalmente o seu fluxo no tempo e sua contaminação no espaço. Já não há mais tempo para a contemplação ociosa das coisas. E as coisas, os objetos, os fenômenos, precisam de tempo para deixarem se revelar. Não acho que existam fórmulas de olhar o mundo, apenas exercito uma forma de olhar respeitosa para com o que está fora de mim, o que sou eu projetado no outro e este outro refletido em mim (pois é impossível abster-se da subjetividade no exercício do olhar).

Outro exercício importante (pois podemos dizer que o interessante da vida é ser um conjunto de tentativas e exercícios e que na palavra 'conseguir' habita algo de mórbido e pretencioso) é tentar olhar o mundo e os fenômenos na sua simplicidade, na sua essência, destituir a realidade de adjetivos buscando sua substancialidade. Em tudo existe um valor de expressividade, uma excelência ontológica, uma dignidade existencial. Uma folha que cai é tão expressiva quanto o beijo fatal no fim de qualquer novela, o ruído do vento tão musical quanto a performance de uma cantora lírica.

5. *Penso também naquele seu trabalho em que as pessoas trocam de apartamento, em como o olhar do visitante revela detalhes do apartamento onde é intruso, como as pessoas lêem todos os sinais deixados pelos moradores das casas etc. Há ali também, acho, uma busca por um olhar capaz de ver de forma diferente coisas que podem*

passar desapercibidas, parecer normais, comuns, banais. O que você me diz disso?

Este trabalho que se chama *Rua de Mão Dupla* ilustra perfeitamente o que eu dizia na resposta anterior: ‘Cada ser humano olha o mundo de uma forma particular’. Em cada um dos 6 participantes do trabalho percebe-se uma personalidade no olhar (e nenhum deles tinha experiência prévia com o ato de filmar). Através do olhar intruso de cada um revela-se não só características da pessoa desconhecida que ali vive mas algo da personalidade de quem filma, ou seja, através da forma de filmar, da linguagem intuitivamente engendrada por um cinegrafista amador revela-se muito da personalidade deste cinegrafista.

Existe neste trabalho um processo inverso do que poderíamos definir no documentário clássico de revelação de uma personagem. Se nestes filmes a personagem é revelada através de seu depoimento sobre si ou algo que presenciou ou vivenciou, neste trabalho apreendemos a personagem não pelo que ela fala de si mas pelo que ela fala do outro, de um outro desconhecido. É ao falar de um outro que revelamos muito de nós mesmos, pois quando falamos de nós mesmos temos a tendência instintiva de nos proteger, de nos esconder.

6. Você imagina, como eu, que o contato com trabalhos assim é capaz de fazer com que as pessoas passem a olhar de maneira diferente para as cenas e objetos do cotidiano? A prestar mais atenção ao tipo de inteligência que origina as gambiarras, por exemplo?

Espero que sim.